

Ecologia Política Latino-Americana e Ecofeminismo: Um estudo da Sociologia da Vida Cotidiana da Comunidade Cigana Calon no Sertão da Paraíba

Autor: Luan Gomes dos Santos de Oliveira – Graduado em Ciências Sociais (UFRN). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFRN). Doutor em Educação (UFRN). Doutorando em Sociologia (UFPEL). Docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Coordenado do Grupo de Estudos Ecologia Política, Educação e Saúde – ECOS. Email: luangomessantos@terra.com.br

Comitê de Pesquisa: CP07 - Sociologia Ambiental e Ecologia Política

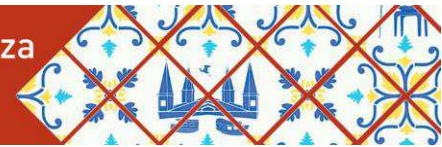
Resumo:

Esta proposta de pesquisa tem como problema central estudar o protagonismo feminino nas lutas socioambientais da comunidade cigana calon no município de Sousa/PB, região do sertão paraibano. Parte-se da matriz epistemológica e política de estudos sociológicos e antropológicos com ciganos e ciganas (BATISTA, 2017, 2018; GOLDFARB, 2004, 2010, 2018; CUNHA, 2018, SIQUEIRA, 2012) e numa perspectiva de Sociologia ambiental e ecologia política (SVAMPA, 2017; FLEURY, 2014). A pesquisa é de natureza qualitativa, documental, baseada na abordagem da Sociologia da vida cotidiana (MARTINS, 2020) que tem por objetivo dar visibilidade as vozes subalternizadas no contexto do capitalismo racista e colonial. Espera-se com este projeto, propor com os ciganos/as a sistematização de uma agenda política de seus interesses, direitos e promoções de políticas públicas e sociais.

Palavras-Chave: Comunidade Cigana Calon, Ecologia Política, Ecofeminismo.

Introdução

O século XXI abriu as portas para os estudos da cotidianidade, daqui que é tratado de forma residual, marginal e que é tornado invisível propositalmente na produção e reprodução das relações sociais contemporâneas. No Sul Global

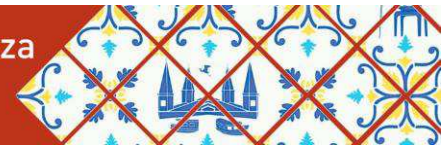


emergem diversas epistemologias sociais-críticas, acionadas para à construção de projetos éticos políticos, que acompanham os conhecimentos, os saberes do povo simples. É nesse contexto que a Sociologia Martiniana se tornou uma possível chave de leitura para compreender a complexidade da vida cotidiana da Comunidade Cigana Calon no território do sertão da Paraíba, incluindo os aspectos epistemológicos da ecologia política e do ecofeminismo. Isso pode ser ampliado e complementado a partir de Soto (2016, p. 1059) que do ponto de vista teórico-metodológico:

[...] ele propõe uma nova sociologia chamando a atenção para o que está no limite e à margem, como possibilidade explicativa das contradições da sociedade brasileira. O que está à margem, no limite, é o método explicitado e teorizado por Martins. Por isso, durante muito tempo, em sua trajetória, dedicou-se a estudar as particularidades do rural, do drama das populações na fronteira entre a tradição e modernidade. Tomar o que está à margem como princípio metodológico é um traço marcante de sua sociologia.

É no campo epistemológico da sociologia de Martins que enquanto tema de estudo a Comunidade Cigana Calon, no Sertão da Paraíba é tratado. Uma população tradicional, que vive nas fronteiras entre o rural e o urbano, porém afetada por tantos conflitos de ordem social, política, ambiental. Investigar o modo como o território e as territorialidades em tensão se inscrevem por uma lente sociológica, tomando como marcadores sociais, o gênero, a etnia/raça, podem colaborar numa compreensão em que o todo seja o horizonte. A fronteira é uma categoria sociológica que revela os contextos dos conflitos socioambientais internos e externos a comunidade cigana Calon. Dessa forma,

O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social. E esse é, certamente, o aspecto mais negligenciado entre os pesquisadores que tentando conceituá-la. Na minha interpretação, nesse conflito, a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como índios de um lado e os ditos civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o



conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história (MARTINS, 2019, p. 133).

Com isso, esta proposta de pesquisa doutoral tem como problema central compreender a emergência do protagonismo feminino na Comunidade Cigana Calon no município de Sousa/PB, região do sertão paraibano, por meios de um estudo da equidade de gênero em conexão com aspectos interseccionais de etnia-classe-ancestralidade em chave ecofeminista. Parte-se da matriz epistemológica, política e ecológica de estudos sociológicos com ciganos e ciganas (BATISTA, 2017, 2018; GOLDFARB, 2004, 2010, 2018; CUNHA, 2018, SIQUEIRA, 2012), e a perspectiva do ecofeminismo (SHIVA, 1988, 1989, 1993, 2003; GARCIA, 2017; SVAMPA, 2019). A pesquisa é de natureza qualitativa baseada em roteiros de entrevista e etnografias a partir de uma sociologia da vida cotidiana (MARTINS, 2020).

Para a historiadora estadunidense Joan Scott (1990), a palavra “gênero” é enunciada pelo feminismo acadêmico com a finalidade de descrever o mecanismo por meio do qual a relação entre os sexos é socialmente organizada, demonstrando a base sociocultural sobre a qual se assentam as distinções entre sujeitos sociais. A principal motivação desta pesquisa radica em realizar uma leitura sociológica, de gênero, interseccional e ecofeminista de processos sociais específicos da Comunidade Cigana Calon em Sousa/PB, no Sertão da Paraíba, vinculando o protagonismo feminino e as maneiras de cuidar dentro da comunidade a uma relação específica com o ambiente circundante na contemporaneidade.

Nas pesquisas existentes, as/os calons em Sousa/PB passam por um processo de invisibilidade histórica, situando-se a margem da vida da cidade, marcados pelo preconceito e anticiganismo, o que implica diretamente na fragilidade de promoção de políticas públicas e sociais na própria comunidade. Isso é embasado no fato de que a população cigana ainda é estigmatizada como um povo “sujo”, esperto, ladrão: essas representações convivem na cultura da cidade de Sousa/PB e dificultam o acesso ao livre direito à própria cultura e território.

As categorias analíticas com as quais pretendo trabalhar são: sociologia do cotidiano, ecofeminismo, etnicidade, gênero e ecologia política, território e

territorialidades e racismo ambiental. Essas categorias sócio-históricas estão apoiadas em experiências e vivências afetivas e políticas prévias vivenciadas junto à comunidade cigana Calon desde o ano de 2019 no projeto Lutas socioterritoriais e políticas públicas no território cigano calon sousense e organização de uma live no mês de outubro de 2020 tematizando o protagonismo das mulheres Calon na Paraíba.

A partir destas incursões analíticas, foi possível notar que um dos obstáculos principais que perpassa as lutas socioterritoriais do povo cigano Calon é o anticiganismo, uma das expressões do racismo ambiental que atravessa o modo como a sociedade ainda percebe as ciganas. É na cidade de Sousa/PB que se encontra uma das maiores partes da população cigana no Brasil. A comunidade, com aproximadamente três mil habitantes, é constituída por três grupos que estão situados territorialmente próximos à BR 230, a 3 km do centro do município, na periferia da cidade, próximos à sede do Instituto Federal de Educação e Tecnologia da Paraíba/IFPB.

Há 40 anos aproximadamente, desde a década de 1980, esses grupos passaram a se sedentarizar no território da cidade, atuando desde ali na construção política e identitária de seu território. É fundamental aprimorar o conhecimento sobre essa comunidade para construir um corpus consistente, localizado e atualizado que possa informar políticas por parte do poder público da região, do Estado e da esfera federal. O presente projeto propõe a concretização de estudos que reconheçam a responsabilidade de estar em coletivo produzindo políticas públicas com e para os/as ciganas/os, seja no âmbito da Saúde, Meio Ambiente, Assistência Social, Educação ou Cultura.

Então, como pautar o protagonismo feminino como um problematizador das relações de gênero no cotidiano da comunidade cigana Calon no Sertão da Paraíba, incluindo os marcadores sociais de diferença, gênero – classe – etnia - território pelas lentes da sociologia da vida cotidiana, da ecologia política e do ecofeminismo?

Tendo como objetivo principal compreender como o protagonismo feminino e a equidade de gênero incidem na percepção e organização do território a partir de uma leitura crítica e ecofeminista das relações de gênero acompanhada dos marcadores sociais de diferença de classe, etnia e ancestralidade na vida cotidiana

da Comunidade Cigana Calon, no contexto do alto sertão da Paraíba. Assim numa via de complementaridade, a ecologia política latino-americana feminista a partir do pensamento de Maristella Svampa (2019) como um projeto de sociedade mundo, de sociedade em movimento que questiona o extrativismo dos recursos naturais associado ao patriarcado.

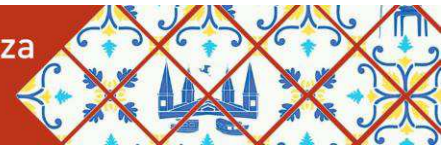
Metodologia:

Foi a campo ouvir, aprender e anotar, ainda que viver (e pesquisar) seja muito perigoso...José de Souza Martins

Esta pesquisa terá como lócus a Comunidade Calon, pertencente ao Município de Sousa/PB, região do Alto Sertão paraibano, construída pelas histórias, memórias coletivas e ativismos políticos em um tempo de protagonismo feminino. Em virtude do atributo qualitativo (MINAYO, 2001) dessa pesquisa objetiva-se compreender de que modo o protagonismo feminino entendido nas categorias de análise conectadas em gênero-raça-etnia-classe-ancestralidade-meio ambiente repercutem nas relações de gênero que constituem a comunidade cigana Calon.

Tendo em vista que o contexto da pandemia COVID 19 não permite a pesquisa “in loco”, dadas as recomendações de isolamento e distanciamento social orientadas pela Organização Mundial de Saúde (esta pesquisa está condicionada a vontade dos sujeitos em participar da pesquisa voluntariamente, com direito a esclarecimento sobre o estudo e aceitação prévia com assinatura do Termo de Livre consentimento para a pesquisa e aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa local da Universidade.

Como estratégia de pesquisa em termos de método optou-se pelo artesanato intelectual de ideias orientado pela perspectiva crítica da Sociologia da Vida Cotidiana (MARTINS, 2020) e pela imaginação sociológica (MILLS, 2009), o que não significa impor um ponto de vista científico à Comunidade Cigana Calon, mas tratá-la como sujeito de suas próprias histórias, dar visibilidade aos saberes e práticas diversas, tendo por base um princípio metodológico a compreensão as relações de gênero desde uma perspectiva ecofeminista que inclui a complementaridade entre saberes científicos e saberes ancestrais-territoriais. Tendo exposto isso, cabe saber que, esse protagonismo feminino não pode ser lido



como um fenômeno a parte da vida cotidiana da comunidade cigana. Dessa maneira, pode se apresentar como se dará o ciclo desta pesquisa, orientando por uma lógica de planejamento aberto e pautada na aceitabilidade dos interlocutores.

Os procedimentos de elaboração teórica e metodológica da sociologia da vida cotidiana orientada pelo artesanato intelectual e o exercício da imaginação sociológica serão acompanhados por alguns princípios epistemológica de método: 1 – Consciência dialógica entre observador-observado; 2 – Estar pronto a ouvir; 3 – A atenção social, como processo histórico; 4 – Pôr a história no cotidiano; 5 – A escrita rigorosa, histórica e criativa. Essas perguntas estarão associadas a construção de um artesanato intelectual, que é guiado por um conjunto de procedimentos metodológicos tão caros a pesquisa de base etnográfica. Logo,

Nesse sentido, o artesanato intelectual, na Sociologia, é bem mais do que um elenco de técnicas de investigação baratas. É, sobretudo, uma visão da Sociologia através de uma visão de mundo. É expressão de uma concepção do outro e muito mais do que instrumento de uma conversa com o outro. É uma conversa com a humanidade do outro que resulta na definição da humanidade do próprio sociólogo. Quem resiste ao assédio transformador do real sucumbe, como sucumbe sua Sociologia na indigência dos subsignificados, subinterpretações, das fantasias anticientíficas que podem ser bonitinhas, mas são ordinárias. O artesanato intelectual é mais do que a meta técnica de obtenção de dados. Não é uma técnica, é uma troca. Não há como utilizar o artesanato sem dar algo em troca do se recebe. No artesanato, o observador é observado, o decifrador é decifrado. Sem o que não há interação. Sem interação não há como situar e compreender; situar-se e compreender-se no outro (MARTINS, 2020, p. 34).

Como instrumentos para a construção da pesquisa tem-se: 1 – Aproximação da Comunidade Cigana ou liderança em Sousa/PB; 2 – Mapeamento e identificação das lideranças masculinas e femininas, 3 – Construção de um diário de pesquisa teórico-metodológico para subsidiar a construção do artesanato intelectual; 4 – Construção de roteiros de entrevistas e escrita da tese.

Além disso, poderá se fazer uso de fontes documentais, fotográficas, áudio-visuais que relatem o contexto da vida cotidiana do povo cigano e do protagonismo feminino pela ecologia política. Pois, “[...] é nos resíduos sociológicos desse peneiramento que está a riqueza da informação visual e que estão os desafios da fotografia às ciências sociais (MARTINS, 2017, p.11).

Resultados:

A problematização de como se materializa no cotidiano o protagonismo feminino na comunidade cigana Calon do Sertão da Paraíba é um espaço favorável para uma leitura via ecologia política feminista e Sociologia da Vida Cotidiana. Dessa forma, a base epistemológica em que se sustenta a ideia de ecologia política feminista como um projeto de sociedade mundo, ou de sociedade em movimento é marcada pelo protagonismo de mulheres no Sul global no engajamento das lutas socioambientais e na produção de conhecimentos.

Essa informação tem sido ao longo dos anos marginalizada, em virtude de uma narrativa hegemônica que situou as mulheres como um elemento residual, ínfimo, simples. São as vozes delas que de certa maneira se destacam neste trabalho, mas não são vozes que se encerram em si mesmas, apontam as desigualdades entre os gêneros e abrem um caminho de contestação do patriarcado que oprime mulheres e homens.

Parte-se de uma compreensão da comunidade cigana e dos corpos das mulheres ciganas como territórios vivos de apropriação material e simbólica (SANTOS, 2005). No território que implica na vida cotidiana do povo cigano, as territorialidades são produzidas pelos diversos atores sociais, desde a comunidade cigana, homens, mulheres, crianças, idosos, Estado, empresários. Diante disso, é necessário “visualizar o posicionamento dos diferentes atores em conflito e, a partir desse posicionamento, analisar as dinâmicas sociais e políticas” (SVAMPA, 2019, p. 55).

A ecologia política latino-americana expõe que a raiz que funda a sociedade capitalista, patriarcal, neoextrativista é a colonialidade do poder, processo apontado por Quijano (2005). Assim o território é um espaço de produção de saberes e de res-existência (PORTO GONÇALVES, 2011) isto é, é preciso incluir na análise dos conflitos socioambientais a diversidade territorialidades que se expressam em diferentes lógicas e racionalidades que distinguem valores e éticas. Essa ecologia política crítica toma como um dos eixos de análise a perspectiva do ecologismo dos pobres (ALIER, 2018) que expõe no marco das lutas socioambientais o protagonismo de comunidades e grupos sociais subalternizados frente a lógica de mercantilização da vida. Para tanto, requer-se observar isso no plano de uma análise sociológica da comunidade cigana Calon, no sentido de que vários conflitos

socioambientais dinamizam com tensões a vida cotidiana. Tais conflitos socioambientais são entendidos como: “Aqueles ligados ao acesso e ao controle dos bens naturais e do território, que confrontam interesses e valores divergentes por parte dos agentes envolvidos, em um contexto de grande assimetria de poder. Tais conflitos expressam diferentes concepções do território, da natureza e do ambiente” (SVAMPA, 2019, p. 46).

Nesse sentido, cabe apontar os conflitos socioambientais que atingem diretamente a comunidade cigana calon no sertão da Paraíba, desde o racismo ambiental, uma vez que a comunidade foi segregada espacialmente e territorialmente da cidade, vivendo em uma fronteira, que os marca negativamente como um povo perigoso, sujo. Outro conflito socioambiental são as condições desiguais de acesso a água potável, a moradia, acesso aos programas sociais e políticas sociais.

Além disso, outro processo de conflito socioambiental emergiu nos últimos anos, a desapropriação das terras em que estão assentados há 30 (trinta anos), algo exigido por empresários do sertão que as querem para especulação imobiliária, desrespeitando todo um processo histórico, político, social, territorial que funda a existência material e simbólica da cotidianidade cigana. Sem essas terras as suas vidas estarão comprometidas. Como resposta a isso, há em curso na comunidade um protagonismo feminino cigano. Esta fronteira é paradoxal na constituição do território e das territorialidades que semeiam espaços de protagonismo feminino.

Este protagonismo feminino, que marca o surgimento de lideranças femininas jovens é uma informação de pesquisa, pois as mulheres desde filhas, solteiras, casadas se organizam para lutar por suas terras, viajam para encontros de articulação do povo cigano, e defendem acesso igualitário a água enquanto um direito no sertão. Tendo em vista que o território do sertão sofre com a particularidade das secas, enquanto um fenômeno político, não apenas climático, ocorrendo um processo de injustiça ambiental, de distribuição desigual da água, em que já ocorreram furtos de água denunciados pela mídia local e nacional, por empresários da água e do ramo monocultura do coqueiro.

A vida cotidiana da civilização capitalista ocidental está assentada num modo de viver predatório. Essa degradação se materializou de maneira mais visível no



que se convencionou chamar de natureza, como um objeto, uma mercadoria exterior e submetida a uma lógica de dominação pelos humanos. No entanto, é preciso distinguir que nessa relação sociedade e natureza, há outros aspectos que ficaram escamoteados pelas etnografias clássicas, que são os marcadores sociais de diferença gênero-etnia-raça-classe-ancestralidade, tomando como território de vida, de resistência e de lutas o meio ambiente, um meio de vida (SANTOS, 1995).

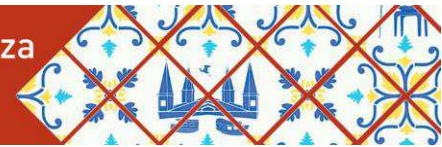
É certo que ao retomar a epígrafe, a pauta que se configura como um cenário epistemológico inicial é a equidade de gênero. É bem notório que na história do mundo moderno o feminismo avançou muito como um movimento político-teórico que trouxe para a vida diária a conquista de direitos por parte das mulheres, assim como trouxe para o centro da batalha de ideias a necessidade de se debater gênero enquanto uma ferramenta analítica (SCOTT, 1990) que perpassa e estrutura as sociabilidades no mundo contemporâneo.

Além disso, reconhece-se que aliado a hierarquização dos sexos, reforça-se uma base paradigmática em que se assenta a civilização capitalista como bem defende Immanuel Wallerstein (2001) é reforçada naquilo que Vandana Shiva (2003) chama de “a identidade mágica é desenvolvimento igual a modernização que é igual a ocidentalização” (p. 161).

Posto isso, cabe questionar a epígrafe que abre esta problematização, o feminismo é para todos? Como as relações de gênero e meio ambiente afetam o modo de vida do povo cigano? Como repensar uma sociedade gendrada que vive assombrada pelas lógicas de dominação capitalista e patriarcal? Como recuperar a dimensão ancestral no contexto da religação entre feminismo e natureza no contexto do androcentrismo?

Como parte dessa questão, há que se complementar essa problemática reconhecendo as estratégias de subversão, reconhecendo, Ecologismo e Feminismo são movimentos que pretendem subverter a ordem hierárquica do mundo e substituir a distribuição do poder verticalizado por um poder diluído por toda a sociedade. Esses movimentos, em suas várias vertentes, tentam resgatar antigas tradições, muito diferentes das que forjaram uma civilização bélica, falocêntrica, racista, sexista e “especista” (GARCIA, 2017, p. 13).

Este cenário que expõe as feridas da opressão milenar, institui a categoria gênero como modelo cultural instaurado de desigualdades. Esse processo mais



conhecido como ocidentalização do mundo é acompanhado por aspectos que aprofundam a separação entre natureza e cultura, a hierarquização entre os sexos, a dominação do mito judaico-cristão, a predominância do patriarcado que reforça o capitalismo, sistemas que degradam a consciência de ser humano em ativo sociometabolismo com a natureza. Essas opressões são heranças de um colonialismo presente que perdura especialmente no continente latino-americano.

Entretanto, tem acontecido historicamente a contestação desses modelos culturais estruturantes de desigualdades. Uma das vias de questionamento que aqui se adota como uma matriz epistemológica, sociológica e política é o ecofeminismo. Este pode ser um dos caminhos na luta por equidade. Dessa forma, a pensadora Loreley Garcia pauta que é imprescindível “[...] desestruturar a hierarquia de gênero, sem isso não há como corrigir as graves distorções da nossa relação predatória com a natureza” (2017, p. 13).

Assim, como pensar em equidade de gênero mediante o quadrimotor que sustenta a modernidade ocidental patriarcal, capitalista, cartesiana, judaico-cristã? Essa provocação epistemológica é realizada num contexto histórico de efervescência política, social e cultura, a partir dos anos 1960-1970-1980. Essas três décadas marcam no mundo a emergência de movimentos sociais que lutaram por direitos de etnia-raça-gênero-orientação sexual-diversidade sexual-ecológicos num contexto marcado por cerceamentos da liberdade de viver e de lutar como ser humano. Como uma proposta crítica para repensar esses contextos contraditórios o ecofeminismo instaura uma revolução cultural na modernidade, tratando-se de uma intersecção entre um movimento ecológico de base radical, anarquista, com tendências do movimento feminista.

Entre os problemas que emergem e são denunciados no cotidiano por lideranças femininas estão: a disputa pela terra, na qual se situa a comunidade, quando atualmente empresários alegam a posse do território, com tentativas de desapropriação da população cigana, além disso, apontam a precária rede de saneamento ambiental, má distribuição de água e ausência de efetividade da política de saúde voltada a saúde do povo cigano conforme pressupõe o Sistema Único de Saúde no Brasil. A terra, a água, a vida entram como recursos serem disputados no campo do território, e é dessa dialética de processos sociais que se destaca o ecofeminismo na comunidade cigana calan.

É relevante situar a problemática em um aspecto do cotidiano da comunidade cigana calon, algumas lideranças femininas expõem o seu engajamento nas lutas da comunidade, afirmando que viajam sem seus companheiros ou pais, podem escolher não casar-se, e seu ativismo é perceptível frente aos homens anciãos, porém observa-se que um fio deste problema aponta uma investigação, mesmo que o protagonismo feminino seja percebido como uma realidade em prol da equidade de gênero, mas essa equidade é condicionada e reconhecida pelos líderes homens. Isso pode ser mais compreendido pelo argumento de que, “resistência e obediência não são apenas diferentes tipos de agência, mas também aspectos de diferentes tipos de subjetividade construídos a partir das estruturas diferenciadas fundadas no gênero, na raça, na etnicidade, na religião” (GARCIA, 2017, p. 18).

Mediante isso, cabe questionar, como esse protagonismo institui novas relações de gênero? Dessa maneira, pode-se entender que o protagonismo por um lado é uma iniciativa de emergência da liderança feminina, mas uma liderança que ainda é submetida nas relações patriarcais. Logo, tais questões podem ser de grande utilidade para entender as relações de gênero/sexo além do dualismo e essencialismo, buscando entender como os/as sujeitos/as engendram e assumem posições a partir de discursos sobre o gênero situados nas intersecções políticas e culturais (BUTLER, 2018; 2020). Dessa forma, para romper com os dualismos natureza/cultura, mulher/homem, sexo/gênero, parte-se do entendimento de que,

A divisão da humanidade entre homens e mulheres priva os seres humanos de traços de personalidade, padrões de comportamento e sistema de valores que poderiam ser comuns aos dois sexos. A generificação na cultura não só produz opressão da mulher, como constrói uma sociedade orientada para a agressão. Um estudo do impacto da generificação precisa estar contextualizado no interior de condições sócio-históricas, eventos e processos. (GARCIA, 2017, p. 57)

O ecofeminismo é um movimento político e epistemológico que surge em 1974 na obra da pensadora francesa Françoise d'Auboune. Esta obra defende a emancipação humana das mulheres em convivência com a preservação da natureza. Por isso, realiza uma crítica ao pensamento ocidental de dominação masculina da mulher e da natureza. Em suas origens há três vias, a perspectiva cultural radical, a marxista, a das religiões orientadas por culto à deusas, pautada

na corrente de ecologia profunda, configurando o ecofeminismo numa teoria das conexões.

Com essas variações epistemológicas em torno do ecofeminismo enquanto categoria de pensamento e de ação ambientalista, optou-se por uma concepção epistemológica matriz de ecofeminismo, a partir de Garcia (2017), de Shiva (1988, 1989, 1993, 2003) e Svampa (2019), essas pensadoras traduzem em algumas de suas obras uma compreensão complexa de ecofeminismo que reconhece os limites do essencialismo sobre a relação entre a mulher e a natureza e propõe uma perspectiva crítica, ampla, que toma a relação dialógica entre gênero e meio ambiente como uma chave de leitura. O ecofeminismo:

[...] não se trata de uma simples filosofia, mas de um enlace filosófico com orientações práticas que examina e critica a desvalorização histórica e mutuamente articulada da mulher e da natureza. São ideologias partilhadas que sustentam múltiplas formas de dominação com base no gênero, raça, orientação sexual, idade e etnia. Trata-se de uma matriz mental que funda e apoia as formas de opressão e dominação. A ideia central do ecofeminismo é que classismo, racismo, sexismo, heterossexismo e especismo estão interconectados e se originam da mesma matriz: a lógica que entende a relação como dominação, portanto, é a matriz geradora dos ovos da serpente que precisa ser exterminada através da ruptura com a lógica dualista. (GARCIA, 2017, p. 59).

O ecofeminismo pode ser concebido como uma das estratégias para se enfrentar a razão instrumental que fundamenta as relações mercantis reproduzidas na sociabilidade do capital. Nesse sentido, se comporta como um imperativo ético que questiona os modos de produzir o conhecimento, as relações de gênero no contexto do patriarcado, a crise ecológica de base sexista e do “mau desenvolvimento”, expressão cara a pensadora ecofeminista Vandana Shiva, que em sua obra coletiva com a Maria Mies, Ecofeminismo (1988), atestando e denunciando que há uma conexão entre o sistema patriarcal/capitalista com a opressão histórica das mulheres no mundo.

As ecofeministas questionam não só o antropocentrismo, mas o androcentrismo, rumo a uma visão complexa que abarque a ideia fundamental de que as relações hierárquicas que instauram desigualdades entre mulheres e homens e a superexploração da natureza são parte de um mesmo fenômeno (ORTNER, 1996). De forma a complementar este debate sobre o sagrado a



comunidade cigana calon preserva parte de seus rituais sagrados em conexão com a natureza, inserindo a dinâmica dos quatro elementos que mitologicamente compõem o mundo, o ar, o fogo, a água e a terra. Não se vêem separados do meio ambiente, seus corpos são como partes vivas do território.

Por causa de seu nomadismo histórico e do anticiganismo agudizado durante a segunda guerra mundial (1939-1945), tiveram que estrategicamente sincretizar suas divindades, adotaram a deusa Santa Sara Kali, a qual cultivam devoção. Além disso, as mulheres são iniciadas nos rituais cartomancia e quiromancia, tradicionalmente usam as forças míticas da natureza como guias sagrados. O ecofeminismo conforme Garcia (2017) permite a reconexão da humanidade com a natureza a partir de seu interior.

A constituição de uma sociologia da vida cotidiana da Comunidade Cigana calon repercute no questionamento de quem são, o que são, como se formaram, e como mantem as suas tradições de serem nômades e sedentários, e como isso se conjuga na construção de uma identidade, ou de uma etnicidade construída no território físico e simbólico (MOONEN, 1996).

Considerações Finais

Essa etnicidade cigana, marcada historicamente como nômade e na especificidade da comunidade calon do município de Sousa/PB, por uma sedentarização de aproximadamente 40 anos, expressa uma ambiguidade no modo de ser cigano, e que por vezes esse nomadismo foi naturalizado, despolitizado, opondo-se a sedentarização, que obrigaria o Estado e o poder local a dar atenção socioassistencial e de saúde, mas a comunidade cigana, mantem o nomadismo e a fixação como uma das possibilidades de seu modo de ser cigano¹, e isso requer lutar por direitos num território afetado por injustiças ambientais e racismo ambiental. Territorialmente, ou seja, existem dois grupos conhecidos e reconhecidos inclusive pelos moradores da cidade: Rancho de Baixo e Rancho de

¹ No Brasil, o dia nacional do cigano é comemorado no dia 24 de maio. Foi instituído em 2006, por meio de decreto presidencial, em reconhecimento à contribuição da etnia cigana na formação da história e da identidade cultural brasileira. No calendário cigano, o dia 24 de maio é dedicado a Santa Sara Kalí, padroeira dos povos ciganos.

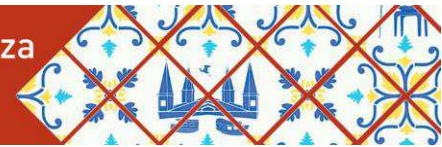
Estamos diante de um cenário que implica num esforço de pesquisa, pois desde o termo "cigano" (que deriva da palavra espanhola gitano, assim como a inglesa gypsy, indicando aí uma suposta origem egípcia, marcando o exotismo), estas designações atribuídas por não ciganos foram assumidas por estes, já que eram obrigados a se identificarem junto às autoridades locais (Okley, 1983). Na Europa se distinguem em Rom, cuja língua é chamada de romani, Sinti, de língua sinto e os Calon que falam o Kaló ou calé. Cada grupo se divide em subgrupos, que formam comunidades familiares. Os Calon são chamados de 'ciganos ibéricos'; que se diferenciam dos Rom pelo aspecto físico, economia, aspectos linguísticos e costumes (Goldfarb, 2003).

Cima, com condições sociais, econômicas e ambientais distintas, o que aumenta a variação na sociabilidade.

Nessa pesquisa, o conceito de etnicidade é pautado no pensamento do antropólogo Frederik Barth (2000), que faz uma crítica a redução de etnicidade a perspectiva meramente cultural, de identificação de traços físicos, ou tradicionais. A construção da identidade étnica dos ciganos/as configura-se como um processo coletivo, por isso eles passam a mediar a sua existência no território nacional e local, chamando a atenção dos órgãos públicos na demanda por direitos e políticas públicas e sociais.

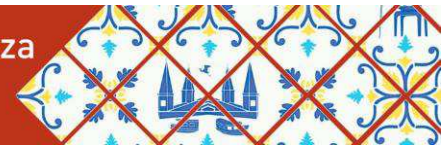
Com a Constituição Federal de 1988, o Estado atua como protetor e promotor de ações, políticas e garantias de direitos aos povos tradicionais. Sendo o povo cigano, um povo tradicional por meio do Decreto 6040/2007, pois são: “Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

O ecofeminismo é para todas as pessoas. É um projeto de sociedade emancipada humanamente que se expressa na tomada de consciência crítica frente aos sistemas patriarcal, capitalista que tratam a natureza e a mulher como mercadorias. Só uma desestruturação nas bases da dicotomia natureza/cultural e nas relações desiguais de gênero, só assim poderá se pensar num ecofeminismo concreto. Trata-se do ponto de vista da pesquisa de compreender como o protagonismo feminino se coloca como um aspecto da vida simples da comunidade cigana Calon, e que em muitas pesquisas, este elemento foi sufocado em nome de se manter uma homogeneidade nos aspectos étnicos do povo cigano. Mais do que elemento desagregador, a categoria gênero, complexifica o debate socioambiental, na medida em que traz para a cena da vida cotidiana um povo silenciado historicamente.

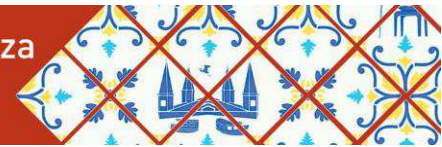


Referências

- ALIER, Joan Martínez. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo: Contexto, 2018.
- BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTGNAT, P & FENARTSTREIFF, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Difel, 2000.
- BATISTA, Mércia Rangel; CUNHA, Jamilly. **Os ciganos em Sousa-PB: Refletindo os modos de ser cigano a partir do atual cenário político brasileiro**. Revista Interface de Saberes. V. 1. N. 13. 2017.
- BATISTA, Mércia Rejane Rangel; BENTO, Marciana Ferreira. **Os ciganos Calons na região nordeste: um estudo sobre as demandas por acesso aos direitos**. Trabalho apresentado na 31^a Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.
- BATISTA, M. R. R; GOLDFARB, M. P. L. **Entre idas e vindas, como interpretar o fluxo cigano?** Discutindo as compreensões sobre a diáspora e o nomadismo. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 29., 2014, Natal, RN. Anais eletrônicos... Natal, 2014. Disponível em: Acesso em: out. 2018.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Gauareshi. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BRASIL. **Subsídios para o Cuidado à Saúde do Povo Cigano**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
- BUTLER, Judith. **Debates Feministas: Um intercâmbio filosófico**. São Paulo: Unesp, 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 19^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- COLLINS, Patrícia Hill. EM DIREÇÃO A UMA NOVA VISÃO: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: _____. Reflexões e práticas de transformação feminista/ Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2015. 96p. (Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, 4)
- GARCIA, Loreley. **Gênero & Meio Ambiente**. São Paulo: Senac, 2017.
- GOLDFARB, M^a Patrícia L. **Memória e etnicidade entre os ciganos Calon em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.



- GOLDFARB, M. P. **O Tempo de Atrás: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB.** Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Tese de Doutorado. João Pessoa, agosto de 2004.
- GOLDFARB, M. P. Os Ciganos. Galante. Fundação Helio Galvão, nº 02, Vol. 03, Natal, Setembro de 2003.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; BATISTA, Mércia Rejane Rangel. **DOSSIÊ CIGANOS NO BRASIL: um exercício de comparação etnográfica.** *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 8-15, jul. / dez. 2018.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Nômades e peregrinos: o passado como elemento identitário entre os ciganos Calons na cidade de Sousa/PB.** *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010.
- GOLDFARB, M. P. L. **Ciganos Calon:** a vida em movimento. In: JUBILIT, Liliana Lyra; REI, Fernando Cardozo Fernandes; GARCEZ, Gabriela Soldano (Eds.). (Org.). *Direitos Humanos e Meio Ambiente: Minorias Ambientais*. 1 ed. São Paulo: Manole, 2017, v. 1, p. 261-278. (Coleção Ambiental).
- GOLFARB, M. P. L. **Memória e Etnicidade entre os Ciganos Calon em Sousa-PB.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. (Coleção Humanidades).
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução Bhuvi Libanio. 13 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- MARTINS, José de Souza. **Uma Sociologia da Vida Cotidiana:** ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2020.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem.** São Paulo: Contexto, 2017.
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala.** São Paulo: 2018.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira – a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Contexto, 2019.
- MOONEN, Franz. **Ciganos Calon no Sertão da Paraíba,** João Pessoa: PR/PB, 1993.
- MOONEN, Frans. **A História Esquecida dos Ciganos no Brasil.** *Saeculum Revista de História*, nº 02, João Pessoa, jul/dez, 1996.



- MOONEN, Frans. **Ciganos Calon no Sertão da Paraíba**. João Pessoa, MCS/UFPB, Cadernos de Ciências Sociais, nº. 32, 1994.
- MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.
- ORTNER, Sharry. **Making Gender: the politics and erotics of culture**. Boston: Beacon Press, 1996.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. **Geografías, movimientos sociales: nuevas territorialidades y sustentabilidad**. Cidade do México: Siglo XXI, 2001.
- SANTOS, Milton. A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar. *Anales de Geografía de la Universidad Complutense*, n.º 15, pp. 695-705, Madrid, 1995.
- SANTOS, Milton. “**O retorno do território**”. *Reforma Agrária y lucha por la tierra em America Latina, territorios y movimientos sociales*, Osal, v. vi, n. 16, 2005.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Recife: Sos Corpo, 1990.
- SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminismo**. São Paulo: Bertrand, 1993.
- SHIVA, Vandana. **Staying Alive: Women, Ecology and Survival in Índia**. London: Zed Books, 1989.
- SHIVA, Vandana. **Staying Alive: Women, Ecology and Development**. Nova Delhi: Zed Press, 1988.
- SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.
- SIQUEIRA, Robson de Araújo. **Os Calons do Município de Sousa/PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais**. Recife/PE: UFPE, 2012. Dissertação de Mestrado em Antropologia.
- SOTO, William Héctor Gómez. **Sociologia e história na obra de José de Souza Martins**. *Revista Sociedade e Estado*. V. 31. Número Especial 30 anos. Brasília: 2016.
- SVAMPA, Maristella. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências**. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Elefante, 2019.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico & Civilização Capitalista**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.